

Giovana Silva Franco

**Mulher em situação de rua e a exposição à(s) violência(s): um estudo a partir
da história de vida.**

**Uberlândia
2023**

Giovana Silva Franco

**Mulher em situação de rua e a exposição à(s) violência(s): um estudo a partir
da história de vida.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Renata Fabiana Pegoraro

**Uberlândia
2023**

Giovana Silva Franco

Mulher em situação de rua e a exposição à(s) violência(s): um estudo a partir da história de vida.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Renata Fabiana Pegoraro

Banca Examinadora

Uberlândia, 03 de fevereiro de 2023.

Prof^a Dra. Renata Fabiana Pegoraro
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Mestra Luzia Silva dos Santos
Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia
– Uberlândia-MG

Mestra Verônica Gomes Assunção Borges
Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia
– Uberlândia-MG

**Uberlândia
2023**

Agradecimentos

Agradeço às experiências com o sagrado as quais me despertam sentidos que se entrelaçam com o cuidado e acolhimento.

Agradeço aos meus pais, Denise e Eduardo, os quais priorizaram pelos meus estudos e desejaram que estivesse ocupando esse território na universidade pública. Para tanto, me subsidiaram mediante as minhas necessidades econômicas e afetivas durante esse percurso.

Agradeço a minha avó materna Dna. Vera *in memoriam* e o Ayrton, sempre guardo na memória o modo como eles enxergavam as minhas potencialidades... Sendo assim, motivação para não desistir nos momentos de adversidade.

Agradeço, aos meus irmãos e familiares por permanecerem me apoiando durante essa jornada.

Aos meus amigos, laços e vínculos que construí nesse período de formação. Em especial a Thaís Belafonte, amizade a qual transpôs os muros da universidade e se tornou companheira para uma vida.

Aos meus professores, e supervisoras de estágio os quais desempenharam um papel essencial na minha formação. Em especial a minha orientadora Dra. Renata Fabiana Pegoraro, por toda disponibilidade, sensibilidade e paciência no auxílio da produção desse trabalho.

RESUMO

A violência está diretamente relacionada às desigualdades sociais, muitas vezes sendo reproduzida pelas próprias instituições, como o Estado. A situação das pessoas em situação de rua é um exemplo de violência estrutural, em que estes sujeitos acabam ficando expostos a diversos outros tipos de agressões. No caso das mulheres que se encontram em situação de rua, mesmo em menor número que os homens, são as pessoas mais sujeitas a sofrerem violências. Em virtude de um contexto social que favorece a experiência de violências sofridas pelas mulheres em situação de rua, foi realizado um estudo qualitativo empregando a técnica da história de vida temática. A entrevista semiestruturada foi realizada com uma mulher, preta e jovem, que se encontrava em situação de rua há dois anos. Acerca da história presente, compreendemos sua experiência frente aos diversos tipos de violências vivenciados em sua trajetória, tanto previamente à situação de rua quanto nessa circunstância de rua,. Ressaltamos que suas vivências e experiências individuais se entrelaçam ao coletivo e seu relato traz a violência entre os genitores, a violência com parceiro, a violência por perder a guarda dos filhos e a violência das ruas.

Palavras-chave: Violência; Mulher; População em Situação de rua.

ABSTRACT

Violence is directly related to social inequalities, often being reproduced by the institutions themselves, such as the State. The situation of homeless people is an example of structural violence, in which these subjects end up being exposed to various other types of aggression. In the case of women living on the streets, even in smaller numbers than men, they are the people most subject to violence. Due to a social context that favors the experience of violence suffered by women living on the street, a qualitative study was carried out using the thematic life history technique. The semi-structured interview was conducted with a young black woman who had been homeless for two years. Regarding the present history, we understand his experience with the different types of violence experienced in his trajectory, both prior to the street situation and in this street situation,. We emphasize that their individual experiences are intertwined with the collective and their report brings violence between parents, violence with a partner, violence due to losing custody of children and violence in the streets.

Keywords: Violence; Women; Population in Street Situation.

Introdução

O presente artigo, proposto para a construção de trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, centra-se na história de vida e nas experiências de violências sofridas pela mulher em situação de rua, situada no município de Uberlândia - MG. Enquanto pesquisadora, desejo abarcar de modo central a história dessas vivências – sobre estar na rua e sobre possíveis violências sofridas - a partir da voz da mulher.

O interesse pela temática se deve pelo fato de já ter feito trabalho voluntário com a população de rua em uma instituição de acolhimento, a qual era destinada somente aos homens. Sendo assim, comecei a me questionar como são os cuidados com as mulheres em situação de rua e onde elas estavam. Durante o meu processo de graduação sempre foram valiosas as reflexões e práticas, as quais tenham como protagonismo as mulheres. Além disso, atuo como estagiária do Nuavidas (Núcleo de Atenção Integral à Vítima de Agressão Sexual) no Hospital de Clínicas da Universidade de Uberlândia. Portanto, compreendo que diante de uma sociedade que ainda objetifica meninas e mulheres de forma tão violenta há a necessidade de outras mulheres as quais possam acolhê-las enquanto sujeitos e priorizem uma escuta cuidadosa de sua história.

Em uma pesquisa que envolve a violência é preciso apontar algumas definições e situar esse conceito no contexto da pessoa em situação de rua. A violência está relacionada com uma tentativa de exercer força sobre o outro e essa relação de poder gera constrangimento a quem a ela foi submetido (Muchembled, 1944). Trata-se de algo complexo, sendo um fenômeno que afeta o biológico, psicológico e social, permeando as relações humanas (Minayo, 1994). Além disso, a violência é configurada a partir da vida em sociedade e cruza diversos ambientes, sejam políticos, institucionais, familiares, ou o âmbito particular.

Sendo assim, é possível identificar que, para além da violência pautada na relação individual, ela também se faz presente na relação de forças de um grupo sobre o outro, adquirindo,

assim, um caráter estrutural. As violências estruturadas perpassam os poderes socioeconômicos, os quais induzem a uma naturalização para que tais instâncias não sejam contestadas e permaneçam nessa posição de poder diante da sociedade (Neto & Moreira, 1999).

A população em situação de rua é um exemplo explícito de grupo afetado pela violência estrutural, por representar a desigualdade social e incapacidade do Estado em garantir um dos direitos mais fundamentais às pessoas: a moradia. Ela também está presente na forma como são oferecidos, negados ou negligenciados os serviços públicos (saúde, educação, saneamento básico), isto é, na falta de acesso a tais serviços necessários, em sua má qualidade ou na inadequação do atendimento ofertado (Antoni & Munhós, 2016).

Acerca dessa população em situação de rua, Schuch e Gehlen (2012) a define pelas restritas condições de vida, pela ruptura com os laços familiares e pela ausência de moradia regular convencional. Pode se perceber que essas características são estabelecidas a partir dos atributos não possuídos. Nesse viés, para Rosa (2005), a rua enquanto espaço físico carrega consigo um sentido de ser o abrigo daqueles que buscam reconstruir seu modo de viver e está intrinsecamente relacionada à condição de extrema pobreza. Além disso, esse é um local que, para seus moradores, não permite acesso a direitos básicos da sociedade, acarretando a essa população de rua, um processo crônico de exclusão social.

Sob essa perspectiva dos aspectos físicos, tem-se culturalmente que a rua é um espaço em que discursos, práticas e pertinências são predominantemente masculinos. Isso quer dizer que se tem engendrado que esse espaço pertence ao protótipo da figura masculina, que desempregado, viu-se sem opções diante do não encontro por um trabalho. À vista disso, a mulher adentrou de forma gradual no universo desse território rompendo com os limites do conceito de “casa” do ponto de vista da sociedade, uma vez que no discurso idealizado romanticamente tem-se a concepção de ser inseparável a relação entre casa, feminilidade e pureza (Frangela, 2004).

Segundo a autora Machado (2021), a origem da população em situação de rua no Brasil relaciona-se à abolição da escravidão, pois aos ex-escravizados e suas gerações sucessoras, foram negados direitos à terra, à moradia, aos estudos, dentre outros.

De acordo com o último censo e pesquisa nacional referente a essa população realizado pelo Instituto Meta em 2009 em 71 cidades, levando em conta pessoas maiores de 18 anos, eram 31.922 pessoas em situação de rua no país, com (...) predominância de homens (82%) em relação às mulheres [...]. A população identificada é, em geral jovem, havendo maior concentração de pessoas em idade economicamente ativa e, com leve prevalência de mulheres nos grupos etários mais baixos. No que tange a distribuição por raça/cor, destaca-se que de todos os entrevistados, 39,1% se declararam pardos, uma proporção semelhante à observada no conjunto da população brasileira (38,4%). O contraste com a população brasileira, em geral, é maior para aqueles que se declararam brancos, 29,5% (53,7% na população em geral ou pretos, 27,9%, (apenas 6,2% na população em geral). Desta forma, tem-se que, entre as pessoas em situação de rua entrevistadas, a proporção de negros (pardos somados a pretos, conforme classificação do IBGE, é substancialmente maior (67%), comparado aos níveis encontrados na população em geral (44,6%) (Brasil, 2009, p. 86).

Contudo, levando em conta o contexto pandêmico do qual vivemos, o Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA) nos traz uma estimativa atual de 222 mil pessoas em situação de rua no Brasil, sendo possível ainda inferir uma quantidade maior de pessoas nessa condição (Machado, 2021).

Fazendo um recorte, no município de Uberlândia-MG, uma pesquisa referente aos anos de 2014 e 2015, realizada pelo Centro de Referência Especializado para população de rua apontou 2600 pessoas em situação de rua no município (Amaral, Nogueira & Ana, 2021).

No Brasil, apesar das mulheres representarem uma quantidade média de 15 % a 20 % da população de rua, são elas que mais estão submetidas às situações de violência cometidas contra essa população, chegando a mais de 51 % e em sua maioria são mulheres jovens e negras (Figueiredo, 2019; Mota & Barro, 2022). Desse conjunto de pessoas que se encontra em situação de rua, portanto, um olhar especial deve ser dirigido às mulheres. Aquelas que tem na rua sua

moradia e meio de sobrevivência são atingidas por alta ocorrência de violências de ordem física, psicológica e sexual.

Uma reportagem realizada em, Belo Horizonte, na capital mineira, com mulheres moradoras de rua e seus percursos traz relatos de vivências relacionadas ao sofrimento e à violência, presentes nas trajetórias dessas mulheres: desde as motivações para deixar as suas casas e irem para as ruas, até o momento em que se encontram de fato nas ruas, onde, revelam uma rotina marcada por fome, desumanização, abusos do poder público e da comunidade (Nunes, 2021).

Portanto, como foi apontado anteriormente sobre a relação de gênero, violência e situação de rua e suas implicações na vida da mulher, se faz necessário endosarmos o arcabouço teórico que se atente à essa população cuja é demarcada por invisibilidade social. Para tanto, esse estudo, busca compreender à luz da história de vida, a dinâmica e o cotidiano da mulher em situação de rua e as suas vivências frente à(s) violência(s).

Percurso metodológico

O estudo é de natureza qualitativa e foi desenvolvido a partir da técnica de entrevista sobre história de vida temática. Nesta modalidade de entrevista é dado ao depoente a liberdade de narrar a história da sua vida de modo livre e, em seguida, o pesquisador faz perguntas relacionadas ao seu tema de estudo em específico (por isto o nome da técnica é “história de vida temática”). A escolha por essa metodologia se justifica pelo fato de que a partir do tema sugerido pelo pesquisador é o próprio sujeito quem elege os fatos significativos e constitutivos das experiências vivenciadas. Desse modo, representa como esses sujeitos significam suas vivências perante os fenômenos sociais e culturais de uma forma ativa (Burguer & Virture, 2013).

Em relação a essa metodologia, abrange um compromisso e interesse dos pesquisadores em compreender a história individual, priorizando um vínculo entre pesquisador e entrevistado. A

história de vida se entrelaça com a história coletiva, ou seja, quando um sujeito fala dos sentidos que atribuí as suas vivências, dentro de um contexto, podemos atribuir a um coletivo. (Silva, Barros, Nogueira e Barros, 2007). Além disso, a técnica permite investigar temas que não tenham espontaneamente surgido no relato da história de vida que, no caso desta pesquisa o estar em situação de rua e a violência.

Para a realização da pesquisa houve uma busca ativa no território, por cerca de um período de 4 meses. Foram selecionadas em um primeiro momento três praças da cidade de Uberlândia – MG, onde há grande fluxo de pessoas em situação de rua, a saber: Praça Sérgio Pacheco, Praça da Bíblia (na Rodoviária) e Praça Ismene Mendes (antiga Praça Tubal Vilela). Após visitas nesses territórios, nos períodos da manhã e tarde em dias alternados da semana, deparamos com a dificuldade de encontrar mulheres em situação de rua. Sendo assim, ampliamos os locais na tentativa de encontra-las. A pesquisadora foi em diversos pontos da cidade: proximidades do HC da Universidade Federal de Uberlândia e os bairros da região norte da cidade. Entretanto, foi através de um contato com a casa de acolhimento a moradores em situação de rua, onde nos contaram sobre o trabalho, o qual realizam, levando alimento para a população de rua, semanalmente no período da noite próximo a Rodoviária.

Sendo assim, a pesquisadora foi até o local no período sugerido e posteriormente à observação livre do território, encontrou uma mulher e um homem juntos. Por conseguinte, foi realizado um contato inicial, apresentação e conversas sobre coisas do cotidiano. Em seguida, realizei o convite para participar da entrevista, sendo esclarecido quais seriam os principais objetivos da presente pesquisa, se ela dispunha a contar sobre a sua história de vida e os métodos que seriam utilizados no decorrer da mesma. Ficou esclarecido a proposta de gravação da entrevista, a qual demandou a autorização da entrevistada, além de informá-la que poderia se retirar do estudo a qualquer momento, sem quaisquer danos a si ou ao estudo. A entrevistada aceitou o

convite e nesse momento foi acordado que seria realizada a entrevista no dia seguinte às 13:00 do dia seguinte nas proximidades da Rodoviária de Uberlândia-MG.

Na dia agendado para a realização da entrevista, a pesquisadora deixou que a participante apontasse o lugar público mais reservado onde foi realizada a entrevista, a fim de resguardar o sigilo, como estava previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE aprovado no processo CAAE 58370522.3.0000.5152 aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos. O termo foi entregue em duas vias para assinatura, uma que ficou com a participante e a outra que permaneceu com a pesquisadora. O termo foi redigido segundo a Resolução nº 466/12, garantindo o sigilo com relação à identidade das entrevistadas. Portanto, para sua proteção, foi adotado nome fictício para a participante (Catarina) e a entrevista é de acesso exclusivo da pesquisadora, sendo arquivada por um período de cinco anos.

A entrevista com Catarina ocorreu a partir de um roteiro semiestruturado, o qual abrangia perguntas referentes a: (a) dados sociodemográficos, (b) o pedido do relato sobre a sua história de vida, posteriormente (c) O que aconteceu na sua vida para que você pasasse a estar em situação de rua (d) como é sua rotina de vida atualmente (e) Com que pessoas você pode contar no dia a dia (f) você pode contar com alguma dessas instituições ou serviços, já precisou ou foi atendida ? (UAI, Consultório na Rua, CAPS, entre outros) (g) como foi o período da pandemia (h) se há violências presentes na sua vida enquanto mulher e pessoa em situação de rua (i) compreensão sobre o que é violência. Essa divisão do roteiro em três etapas (Silva, Macêdo, Rebouças & Souza, 2006) busca atingir o relato livre da história da pessoa “Conte-me sua história de vida”, conforme item e introduzir as questões de interesse específico do estudo quando não relatada espontaneamente no relato de vida.

Resultados e discussão

Nas proximidades da Rodoviária de Uberlândia, me deparei com Catarina, que dentro de suas possibilidades me recebeu com abraços e um convite para sentar em cima dos seus cobertores em baixo do pé de manga. Se colocou disponível para contar sobre si, chorou, sorriu e deixamos nos afetar pela narrativa. No decorrer da entrevista, fomos surpreendidas por uma chuva forte, porém pegamos suas poucas bagagens e fomos para um outro local, mesmo com as interpéries, Catarina, fez valer o desejo de falar sobre suas vivências.

Convido o leitor embarcarmos nessa narrativa com ouvidos atentos e sensíveis, que possamos juntos escutar, Catarina, a qual se revela e compartilha suas vivências enquanto mulher em situação de rua. Para tanto, enquanto pesquisadora, juntarei a minha voz à dela para apresentá-la. Catarina, uma mulher preta, com 29 anos, cursou até o terceiro ano do fundamental, tem três filhos e está gestante de seis meses. Tem a rua como moradia a mais ou menos 2 anos.

Catarina, em sua narrativa, inaugura a sua história já na transição de sua infância para adolescência e retrata o início de suas perdas:

A história da minha vida foi assim: com 10 anos de idade já comecei a usar drogas, com 12 anos de idade já saí de casa, maltratei minha família e não era para ser assim. Comecei a me envolver em relacionamentos com homens e engravidei e era uma coisa que eu não queria, mas aí Deus foi fazendo eu aceitar. Eu perdi o primeiro amor da minha vida que foi meu filho [choro] levaram para adoção e eu nunca mais vi (Catarina, 29 anos).

Catarina tinha uma ligação muito forte com o seu pai. Ele era mecânico e tinha uma boa situação econômica, porém começou a beber muito. Ele vinha de uma família onde os irmãos e os pais eram alcoólatras. Quando ele bebia, ficava violento com a mãe de Catarina, e diante disso, a mãe decidiu se separar. Mas ele sempre foi muito carinhoso com Catarina, então na separação ela foi morar com o pai. Tinha 10 anos de idade e não entendia como a mãe se sentia com as violências

vivenciadas e nessa época só achava que o pai era o certo, sendo assim, acabou ficando do lado dele. Mas, com o tempo ela foi entendendo o quanto a mãe dela sofria violência doméstica e como era difícil a convivência com um adicto.

Quando ele conheceu minha mãe, ela já estava grávida e ele chamou minha mãe para morar juntos, aceitou minha irmã como filha dele mesmo. A família da minha mãe sempre gostou muito de humilhar meu pai, então nós dois começamos a se conectar mais na vida desse jeito, porque eles também não gostavam de mim (Catarina, 29 anos).

Na sua infância, Catarina, sofreu violência sexual. O agressor era um tio por parte de mãe. Ela só conseguiu contar sobre essa violência quando já estava adulta, para uma pessoa com a qual ela se relacionou, que foi o pai da filha mais nova. Fala como essa vivência traumática juntamente com a separação dos pais deram início aos sentimentos negativos que ela foi criando durante sua vida:

Aí já veio a revolta de tudo, dei começo de overdose, mexeu com a minha cabeça de um jeito. Porque não tive uma vida fácil, sei que ninguém tem [choro e voz embargada], mas na minha vida eu precisei comer comida do lixo, morei em barraco que os ratos eram maiores que os pombos, a minha avó me chamava de verme, então isso tudo já veio mexendo com o meu psicológico e trazendo a revolta (Catarina, 29 anos).

Durante o período que ela morou com o pai, eles passaram por muita dificuldade, pois diante da não aceitação da separação, ele ficou cada vez mais dependente da bebida. Nesse mesmo período ele sofreu um AVC e ela chegou em casa criança, pegou uma carroça e o levou para o hospital. Chamou a mãe para cuidar, porém ressentida, a mãe negou cuidados. Ela mesmo, ainda criança, cuidou do pai com ajuda dos vizinhos, porém chegou um período no qual ele permanecia muito tempo na rua e ela já não conseguia buscá-lo. Sendo assim, ele acabou morando na rua.

Catarina, então, foi morar com um namorado, mas sempre iria ajudar seu pai em qualquer lugar que ele estivesse, levando comida, roupas e passavam um tempo conversando.

Aí quando meu pai faleceu, foi pouco tempo depois que ganhei o meu primeiro filho, me perdi nas drogas, me afundei e acabei me destruindo. Perdi a guarda do meu filho, fiquei internada em uma clínica de reabilitação. Mas teve uma coisa que preciso agradecer, minha mãe foi me ver e conversamos e conseguimos nos conectar (Catarina, 29).

Logo que ela saiu da clínica teve o segundo filho que hoje está com 14 anos. Quando ele nasceu, Catarina teve depressão pós parto e dificuldade para exercer cuidado, mas com a ajuda de sua mãe ela conseguiu aos poucos criar uma relação de mãe e filho. Perpassando os períodos de sua vida ela teve alguns momentos em que estava mais equilibrada em relação ao uso de drogas e em outros momentos mais dependente.

Conheceu o segundo companheiro, que é o pai da sua terceira filha, com o qual tinha um envolvimento afetivo muito grande, um grande amor e depositava nele confiança. Porém, eles faziam uso de álcool e cocaína juntos e acabavam sempre brigando. Ficaram juntos mais de cinco anos e, durante esse período, ele tentou matá-la várias vezes.

Meu filho saiu de casa, pois ele também ameaçava direto matá-lo. Quando saiu me disse que não aguentava mais me ver apanhando. Pessoas o viu [sic] fazendo isso comigo e acabou chamando a polícia. Amava ele muito, ele era mais velho 44 anos. Sempre me envolvo com homem mais velho. Mas não queria que ele fosse preso. Morava em uma favela muito perigosa, não posso voltar para lá. Estávamos na bagaceira, ele ia me matar, pegou, puxou uma faca e eu com a nosso neném no colo, ele colocou a faca na minha cara e minha filha de dois anos gritou, mas foi um grito tão estranho. Foi quando decidi que não voltaria com ele mais (Catarina, 29 anos).

Mediante esse conflito, Catarina, acabou perdendo a guarda da sua filha, a qual foi abrigada. Nesse momento, ela saiu fugida de sua cidade Natal, pois a família do seu ex companheiro era muito perigosa. Sendo assim, essa situação acabou sendo um marco para que ela passasse a se encontrar em situação de rua, tendo então 27 anos.

Ser mulher na rua não é fácil, mas acredito que Deus nos colocou no mundo para cuidar uma das outras, igual você veio até mim e se preocupou com a minha dor. Porque você acha que queria isso para mim? Não queria, mas o que posso fazer. Cada uma dessas vidas tem o espiritual que é muito importante, porque não tem diferença se é rico ou pobre, empresário ou andarilho, Deus escolheu todos. Mas o pessoal que vê a gente nessa situação, nos trata como lixo, como se a gente quisesse viver esse sofrimento (Catarina, 29).

Para sobreviver na rua, Catarina reflete que é preciso ter uma boa convivência com todos e, sendo assim, com qualquer pessoa ela se mostra muito amorosa, e não gosta de se envolver em confusão. Encontrou o seu esposo, que já acompanha há 6 meses, e está esperando um filho.

Na rua é pegar com Deus, porque nós mulheres somos frágeis, nós não temos a força que um homem tem. Por isso, aqui na rua é muito importante você ter um companheiro, eu posso contar também com os meus amigos da rua. Minha família é isso aqui [riso gargalhado], se estou ruim eles que me ajudam e é o pessoal com quem posso contar' (Catarina, 29 anos).

Ela foi para a rua durante o período da pandemia e relata que não teve nada e que foi Deus que a protegeu. Na rua, só tomou uma vacina contra Covid-19, mas não queria ter tomado nenhuma, porque não gosta de vacina. Ainda assim, tomou porque precisava viajar. Em relação aos serviços sociais, ela só conhece o consultório na rua, pois o seu companheiro tem asma e precisou de

cuidados e porque também está grávida, mas tem optado por não ir no médico e nem fazer pré-natal.

Sobre a sua visão acerca da violência, ela fica pensativa e não sabe dizer se vivencia algum tipo de violência no seu cotidiano. Considera como violências seu último relacionamento e o abuso sexual da infância: *“Meu último companheiro, que foi a pessoa que mais confiei na vida, foi uma violência o que ele fez comigo, aí eu tive que vim pra rua, então acaba sendo violento, mas Deus está com nós”* (Catarina, 29 anos).

Hoje, ela se encontra em situação de rua há dois anos, sua rotina é vender balas no sinaleiro, para ter algum dinheiro para se alimentar. Catarina revela bastante sobre o seu desejo de ter uma casa, mas que para além da casa o seu desejo é ter uma dignidade recuperada, andar em qualquer lugar de cabeça erguida.

As violências na história de vida de Catarina

A respeito das violências que identificamos na história contada por Catarina, destacamos em um primeiro momento a violência intrafamiliar. Observamos que durante um bom tempo de sua vida, ela não consegue identificar que na sua casa havia violência intrafamiliar, onde o seu pai agredia a sua mãe. Além disso, em princípio via na figura paterna um homem inviolável o qual foi abandonado pela mãe. E atribuía esse fato a ele ter feito uso abusivo do álcool, sua doença e precisar ficar sobre seus cuidados, e posteriormente se encontrar em situação de rua. Segundo, Mantovani (2019) é importante nos atentar em como as famílias são constituídas tradicionalmente, ou seja, ainda ancoradas no poder designado aos homens centrados na figura do pai. Nesse sentido, há uma hierarquização das relações parentais sob a perspectiva de gênero, onde o homem é o detentor da força, virilidade, características as quais são potenciais para a violência. Enquanto a mulher é identificada como dócil e domável, dessa maneira, a potencial vítima. Para além, Cardoso (2014),

reflete sobre como essas construções sociais são naturalizadas e que muitas vezes a mulher não se percebe oprimida e acaba internalizando essa dominação masculina.

Concomitante com a ideia de que os modelos de violência vivenciados na família de origem, podem influenciar sucessivamente na continuação de uma relação violenta. Evidenciamos uma repetição na história de Catarina, quando em um dos seus relacionamentos, ela passa ser a vítima direta. Ela tem por esse companheiro muito vínculo afetivo, mas havia vários episódios onde ele agredia e ameaçava contra sua vida. Assim, no momento em que ele pegou uma faca e a ameaçou matá-la, mesmo ela estando com a filha no colo, a mesma percebeu a necessidade de sair dessa relação conjugal imediatamente, enquanto ainda estava viva. Logo, o limite que motivou Catarina conseguir sair dessa relação foi a tentativa de feminicídio. Em suma, os autores Silva, Albetine e Neto (2021) caracterizam esse fenômeno como a expressão extrema da violência contra a mulher. Geralmente a vítima não identifica um potencial risco de vida, acreditando que ficará somente nos “tapas, chingamentos, empurrões...”.

O relato da história de vida de Catarina permitiu que uma história mais antiga de violência viesse à tona: a violência sexual que ela sofreu em sua infância. Diante dessa experiência traumática, Catarina, não conseguiu contar para ninguém durante muito tempo, permanecendo em silêncio. Mas identifica tal fato como desencadeador para um adoecimento psíquico e um crescente uso e abuso de substâncias psicoativas. Segundo a literatura, a violência sexual, repercute, para além da esfera física, no âmbito mental e psicológico, a curto e longo prazos. Ao passo que, como consequência psicológica, constata-se que há uma suscetibilidade, nas vítimas de violência sexual, para sintomas psiquiátricos: abuso e dependência de substâncias químicas, depressão, síndrome do pânico, entre outros (Facuri, Fernandes, Oliveira, Andrade & Azevedo, 2013).

Há uma experiência desde muito cedo de Catarina com adicção, desde a sua infância aos 10 anos ela começa a fazer o uso de substâncias, ainda que os motivos para o primeiro uso não

tenham sido explicitados na entrevista. Durante a sua trajetória e dependendo do contexto vivenciado, havia um uso mais controlado ou mais excessivo. Salientamos o período que o seu pai morreu, foi um dos momentos o qual ela intensificou bastante o uso e precisou ser internada. De acordo, com as pesquisas referentes as mulheres que fazem o uso de drogas, há uma associação: as experiências de violência, eventos traumáticos, baixa escolaridade e ter familiares que fazem o uso, como possíveis agravantes para o uso prejudicial de substâncias na vida dessas mulheres (Limberger & Andretta, 2015).

Catarina, ficou gestante ainda no início de sua adolescência e quanto à maternagem, diz sobre o seu não desejo de ser mãe, mas que passou por um processo de aceitação quanto à gestação com auxílio da fé em Deus. Porém, diante do contexto de sua internação devido ao uso abusivo de substâncias, perdeu a guarda do seu primeiro filho e se deparou com a perda de um dos seus grandes amores. Já com o segundo filho, teve dificuldades em se conectar, devido ao adoecimento psíquico em seu puerpério, e durante esse processo ela contou com o auxílio de sua mãe no desempenho de cuidados. Sendo assim, percebemos que há conflitos com o maternar, ambiguidades em relação ao ser mãe. Catarina, tem dois filhos, os quais foram afastados do poder familiar, isto é, teve a guarda destituída e um filho que saiu de casa por não aguentar vê-la sofrer violência doméstica. No momento, está passando pela experiência de outra gestação, mas estando no contexto de situação de rua.

Segundo as autoras Mortelaro e Souza (2019), a maternidade ainda é naturalizada e imposta às mulheres como dever e predestinação. No entanto, quanto às mulheres que fazem uso de drogas, de classes sociais menos favorecidas e de cor preta, a maternidade passa a ter um viés de interdição e a ser compreendida como inadequada e indigna de ser vivida. Consideramos a família detentora de um papel fundamental na proteção e formação das crianças, e quando os direitos das crianças e adolescentes são violados, elas são afastadas do convívio familiar. Porém, são necessárias ações

por parte das instituições envolvidas na proteção à infância para que essas crianças não percam suas referências familiares. Sendo assim, é impensável que essa família seja cuidada como um todo, para que essa mãe ou cuidadores exerçam uma proteção integral (Bittar & Nakano, 2011).

Percebemos, na história de Catarina, que na sua infância, não lhe foram assegurados os seus direitos. Ela foi exposta a contextos hostis, os quais a colocaram em um lugar de não-infância, ou melhor dizendo de uma infância roubada. Seu relato revela uma história demarcada por negligência e atribuições que não eram condizentes com seu desenvolvimento à época. Com a criação do Estatuto da Criança e Adolescente (1990), a criança e o adolescente passam a ser sujeitos de direitos, portanto, o Estado, a família e a comunidade devem atender suas necessidades para que possam ter um pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Sendo assim, são direitos básicos que muitas vezes estiveram ausentes da história de Catarina, moradia, alimentação, escolarização, segurança, amparo afetivo, entre outros.

As vivências de Catarina em relação à situação de rua antecedem o fato dela se encontrar nessa circunstância. Ao longo de sua narrativa, nos deparamos com a época em que o seu pai passou a ter a rua enquanto moradia. Dessa maneira, ela ocupava esse espaço para lhe fornecer apoio, alimento, roupas e exercer um tipo de cuidado. Posteriormente, quando já era uma adulta e encontrava-se em um relacionamento conjugal no qual sofria violência doméstica, precisou fugir diante de uma tentativa de feminicídio, e se deparou com a situação de rua. Porém, pela situação de rua ser uma conjuntura complexa, se faz necessário considerar toda a sua história, a qual foi atravessada por diversas situações difíceis. Neste ponto lembramos, a experiência de Catarina marcada por violência sexual, separação dos pais, uso e abuso de substâncias, gravidez na adolescência, morte do pai, perda da guarda dos filhos, entre outros, como o relato de sua história descortinou ao leitor.

De acordo com Marchi, Carreira e Salci (2013), a situação de rua é uma questão multifatorial, composta por condições macro (do contexto político-econômico) e micro (aspectos individuais ou familiares). Nesse sentido, não há uma única justificativa para esse fenômeno, mas uma junção de fatores, de ordem social, individual, familiar e contextual. Ademais, é crucial nos atentarmos para o contexto histórico em que Catarina foi para as ruas. Esse é o período Pandêmico ocasionado pelo vírus da Covid-19, o qual escancarou e intensificou as feridas e as desigualdades da sociedade, fazendo com que crescesse a quantidade de pessoas em situação de rua (Oliveira, 2021).

Adentraremos, na experiência da mulher e a situação de rua entrelaçando com o modo possível de habitar nesse espaço. Catarina salienta sobre a rua ser um lugar de sofrimento e dificuldade para as mulheres. Mas também traz como as pessoas que não tem a rua como moradia identificam e tratam quem se encontra nesta situação como se fossem detritos da sociedade. Desse modo, um dos reflexos que encontramos na rua é a falta de atribuição à vida, ou seja, uma desumanização dessa população. Portanto, Catarina expressa como desejo para além da moradia, poder ter uma dignidade recuperada, habitar os espaços e caminhar de cabeça erguida.

A rua por si só é um escancaramento de um cenário violento de ordem estrutural, pois há uma série de negações de direitos às pessoas, a começar pela moradia. Essa é uma violência social e institucional, que atravessa o cotidiano dessa população, somada à violência de gênero, à qual nos atentamos nesse estudo. Sendo assim, mesmo que Catarina não nomeie esse ambiente enquanto violento para as mulheres, identifica como sendo importante para as mesmas que estão em situação de rua ter um companheiro. Tal fato vai ao encontro com a literatura, onde reflete que essas mulheres procuram como modo de sobreviver ao cotidiano da rua, relações conjugais, uma vez que sozinhas são mais suscetíveis às violências presentes nesse espaço (Rosa & Brêtas, 2015). É importante nos atentar aos modos de enfrentamento ao estar na rua e exposta à violência, como a

disposição em se relacionar com os outros de uma forma respeitosa, evitando confusões, construindo assim a possibilidade de contar com os companheiros de rua. As autoras Marchi, Carreira e Salci (2013) discorrem que mediante ao distanciamento dos vínculos familiares são construídos novos laços com as pessoas as quais habitam nas ruas. São estabelecidas amizades para que possam conjuntamente sobreviver no território e se sentir pertencentes ao grupo.

Ainda cabe refletirmos sobre os sentidos que culturalmente são atribuídos à moradia. Quando se tem um endereço fixo, uma casa, essa situação transmite uma certa estabilidade e organização do sujeito, resultado de um sucesso e fruto de um trabalho. A casa, a morada do sujeito tem um caráter do privado, permitindo a ele decisões e liberdade acerca desse local. Já na rua, esses sentidos são desvaídos, pois tratamos de um território público, ou seja, “terra de ninguém”. Isso diz sobre como esse espaço é caracterizado pela falta de proteção, onde até o direito de não ter seus corpos violados são infringidos com maior frequência, por não ter delimitado o público e o privado (Fanini & Gnoato, 2020).

Referente às redes formais de suporte à população em situação de rua, vemos que ainda há uma ausência desses serviços em seu cotidiano. Identificamos na trajetória de Catarina, de forma pontual um contato com o Consultório na Rua. Esse é um serviço recente, que atualmente integra a Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. Sua criação data de 2011 por meio da Portaria MS 122/2011 e há uma equipe volante em funcionamento que atende o município de Uberlândia. Cabe destacar que apenas muito recentemente, com a Lei 13.714/2018, foi assegurado o direito de atendimento pelo SUS às pessoas sem comprovante de residência.

À medida que Catarina compartilha comigo a sua história de vida, entra em contato com suas memórias, as quais vão sendo recuperadas e manifestadas de maneira livre no espaço e no tempo, mas não de qualquer maneira. Ao longo da entrevista ela, traz à tona os acontecimentos que marcaram sua trajetória. Destaco uma frase que diz sobre como essa experiência de contar sobre si

foi importante para ela: “você veio até mim e se preocupou com a minha dor”. Segundo Bosi (2003), a memória é como um passado inconcluso, em aberto, o qual se corporifica e toma forma no momento da narrativa. A autora também reflete sobre a função curativa das histórias, apontando que o espaço de entrevista sobre histórias de vida pode se configurar em uma narrativa com potencial terapêutico.

Um aspecto relevante a ser considerado quanto à Catarina e os seus modos de habitar no mundo é o fato dela ser uma mulher preta. Pode-se afirmar que a sociedade é marcada na racialização das relações sociais, isto é, a cor da pele e os traços demarcam os espaços que o sujeito ocupa. Vale refletirmos sobre a experiência da mulher preta, em um país racista, onde as mulheres negras se deparam com a solidão, com os estereótipos e são destinadas a um não lugar, seja de fala, no trabalho, nos estudos, ou seja, em diferentes espaços (Faro & Pereira, 2011). Contudo, de acordo com Bondia (2002), a experiência produz alguns afetos, endereça marcas e efeitos no sujeito. Ademais, para o autor as experiências produzem sentidos que somente o sujeito da experiência pode atribuir, e isso se revela entre a teoria e prática, ou seja, nos saberes e modo de ser no mundo. Foram esses sentidos que buscamos entender ao ouvir a história de vida que Catarina se propôs a nos contar.

Considerações finais

A história de vida da Catarina, a partir de sua ótica acerca das experiências de ser mulher em situação de rua e à(s) violência(s), não se limitou ao estar na rua, mas considerou toda uma trajetória a qual antecede essa circunstância. Nesse sentido, nos permitiu refletir acerca das negligências familiares, abuso sexual infantil, uso e abuso de substâncias, violência institucional, violência doméstica, vulnerabilidade socio-econômica, entre outros. Tais fatores se apresentam como agravantes para a entrada da mulher nas ruas.

Esse estudo possibilitou refletir que as experiências de violência(s) na vida dessa mulher, por se manifestarem ao longo da sua história de maneira extrema, como a tentativa de feminicídio, possibilitaram uma naturalização de outras violências. Contudo, mesmo a rua sendo um espaço hostil e de escancaramento dos diversos tipos de violência, Catarina significou nas entrelinhas essas violências desse espaço. Tal fato se exemplifica ao identificar uma necessidade de ter presente um companheiro ao seu lado, pois, a rua não é um lugar condescendente e seguro para as mulheres. O que no desenrolar veio à tona, mas de uma forma sutil, foram as experiências e sentidos atribuídos pela violências às quais sofreu.

Contudo, há uma invisibilidade dessas mulheres na sociedade e tal fenômeno reflete nos modos de fazer ciência. Sendo assim, encontramos poucos estudos acerca da temática. Diante desse cenário, esse estudo contribui dando lugar de fala para a mulher sobre suas vivências. Posto que a história de vida relatada possibilita que o sujeito eleja as memórias que deseja compartilhar e os sentidos atribuídos a elas, é preciso elucidar que esse relato não está desvinculado do contexto, podendo nos evidenciar sobre os modos como essa população experiencia o estar na rua e o ser mulher. Sugerimos, para estudos futuros, utilização dessa metodologia de história de vida com mais mulheres que se encontram em situação análoga à de Catarina. Dessa maneira, é imprescindível que a comunidade científica volte o olhar para essa problemática, afim de, a partir das compreensões dessas mulheres haja embasamento para uma prática de cuidado com essa população.

Como limitação da pesquisa podemos destacar que, no projeto havia o planejamento de realizar a textualização e a transcrição da entrevista, etapas utilizadas em entrevistas de história de vida, que consistem na eliminação da fala da entrevistadora da transcrição (textualização) e na apresentação desse texto à entrevistada para diálogo (transcrição), momento que permite inserir trechos, retirar trechos, corrigir, detalhar a fala já passada para o papel. Um novo encontro

pesquisadora-entrevistada para a transcrição não foi possível, pois Catarina tinha uma viagem planejada para outro Estado com seu companheiro poucos dias após nosso encontro.

Referências

- Amaral, E. G., Nogueira, P. R. R. B., & Ana, M. F.S. (2021). Ações promovidas aos moradores de rua da cidade de Uberlândia-MG na pandemia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(7). Doi: doi.org/10.51891/rease.v7i7.1791
- Antoni, C., & Munhós, A. A. R. (2016). As violências institucional e estrutural vivenciadas por moradoras de rua. *Psicologia em Estudo*, 21(4), 641-651. Doi: 10.4025/psicoestud.v21i4.31840
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Universidade de Barcelona, Espanha. (Geraldí, J. W., Trad.). *Revista Brasileira de Educação*, 19. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>
- Bosi, E. (2003). O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. Ateliê Editorial, São Paulo.
- Burger, E. R., & Vitore, R. C. I. (2013). Metodologia de pesquisa em ciências humanas e sociais: história de vida como estratégia e história oral como técnica - algumas reflexões. XI Encontro de pesquisadores do programa de pós graduação em educação: currículo. PUC/SP, São Paulo. Recuperado de: https://www4.pucsp.br/webcurriculo/edicoes_anteriores/encontro-pesquisadores/2013/downloads/anais_encontro_2013/poster/reneecoura_ivovituri_edneiareginaburger.pdf
- Bittar, D. B. & Nakamo, A. M. S. (2011). Violência intrafamiliar: análise da história de vida de mães agressoras e toxicodependentes no contexto da família de origem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 20(1). Doi <https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000100002>

- Cardoso, G. F. O. (2014). *Violência Doméstica: o que a realidade ensina ?* (Trabalho de Conclusão de curso). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – UniCEUB, Brasília, Distrito Federal, Brasil
- Decreto nº 7053, de 23 de dezembro de 2009. Política nacional para população em situação de rua. Brasília, dez. 2009. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm
- Facuri, C. O., Fernandes, A. M. S., Oliveira, K. D., Andrade, T. S., & Azevedo, R. C. S. (2013). Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(5), 889-898. doi: 10.1590/S0102-311X2013000500008
- Fanini, A. M. R. & Gnoato, G. (2020). A rua e a casa: Uma Reflexão Dialógica Sobre Espaços Públicos e Privados. *Revistafsa* 17(3), 265-288. Doi: [dx.doi.org/10.12819/2020.17.3.16](https://doi.org/10.12819/2020.17.3.16)
- Faro, A., & Pereira, M. E. (2011). Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. *Estudos de Psicologia*, 16(13), 271-278. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/09.pdf>
- Figueiredo, P. (2019). *Minoria da população de rua, mulheres foram vítimas em 51% dos casos de violência contra moradores de rua no Brasil. G1/SP*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/26/minoria-na-populacao-de-rua-mulheres-foram-vitimas-em-51percent-dos-casos-de-violencia-contramoradores-de-rua-no-brasil.ghtml>
- Frangella, S. M. (2004). *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, Campinas, São Paulo.

- Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Lei Nº 13.714, de 24 de agosto de 2018. (2018, 27 de agosto). Dispor sobre a responsabilidade de normatizar e padronizar a identidade visual do Sistema Único de Assistência Social (Suas). Diário Oficial da União, seção 1. Recuperado de http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/38407002/do1-2018-08-27-lei-n-13-714-de-24-de-agosto-de-2018-38406898
- Limberger, J & Andreta, I. (2015). Novas problemáticas sociais: o uso do crack em mulheres e a perspectiva de gênero. . *Revista CS, (15)*, 41-65. doi: <https://doi.org/10.18046/recs.i15.1965>
- Machado, V. F. (2021). Cidades e populações em situação de rua no Brasil: negação de direitos básicos, desterritorialização e a possível herança escravocrata. Em *A situação da população de rua e a questão da moradia*. (pp. 218 a 227) Imprensa Universitária UFMG.
- Mantovani, A. M. (2019). Naturalização da Violência Sexual na transgeracionalidade: um estudo de revisão bibliográfica. In Rodrigues, O. M., Zeglio, C., Vaccari, V. L. & Levatti G, E.(orgs). *Estudos em Sexualidade* (2a ed., Cap. 1, pp. 24-40). São Paulo: ImPaSex.
- Marchi, J. A., Carreira, L., & Salci, M. A. Uma casa sem teto: influência da família na vida das pessoas em situação de rua. *Ciência, Cuidado E Saúde, 12*(4), 640 - 647. <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v12i4.22554>
- Minayo, M. C. S. (1994). Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública, 10*(1), 7-18. doi: 10.1590/S0102-311X1994000500002

- Mortelaro, P. K. & Souza, I. S. (2019). Ambiguidades da maternidade: da construção do imperativo às práticas de exceção. In Rodrigues, O. M., Zeglio, C., Vaccari, V. L. & Levatti G, E.(orgs). *Estudos em Sexualidade* (2a ed., Cap. 11, pp. 181-198). São Paulo: ImPaSex.
- Mota, I. & Barros N. V. (2019). Mulheres em Situação de Rua: um olhar feminista e interseccional, Nunes, N. R. A., Senna, M. C. M. & Cinacchi, G. B. (orgs). *POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: abordagens interdisciplinares e perspectivas intersectoriais* (1 ed., Cap. 11, pp. 203-2018). Porto Alegre: Rede UNIDA.
- Muchembled, R. (1944). *História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Neto, O. C., & Moreira, M. R. (1999). A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 33-52. doi: 10.1590/S1413-81231999000100004
- Nunes, P. I. (2021). Drogas, violência e abuso: série conta relatos de mulheres com trajetória de rua em BH; Vídeo. *GI/BH*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/07/26/drogas-violencia-e-abuso-serie-conta-relatos-das-mulheres-com-trajetoria-de-rua-em-bh-video.ghml>
- Oliveira, R. T. (2021). A pandemia da Covid-19 e o aumento de vulnerabilidades. *Research, Society and Development*, 10(9), 1-6. Doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18033>
- Portaria MS 122/2011 de 25 de janeiro. Define as diretrizes de organização e funcionamento das Equipes de Consultório na Rua. Ministério da Saúde. Recuperado de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0122_25_01_2012.html

- Rosa, A. S. & Brêtas, A. C. (2015) A Violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Revista Interface*, 19(53), 275-285. Doi <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0221>
- Rosa, C. M. M. (2005). *Vidas de Rua*. São Paulo: Hucitec.
- Schuch, P. & Gehlen, I. (2012). A situação de rua para além de determinismos: explorações conceituais. In P. Schuch & K. Krieger. *A Rua em Movimento: debates acerca da situação da população adulta de rua na cidade de Porto Alegre* (p. 27-42). Recuperado de http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/a_rua_em_movimento.pdf
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M. & Barros, V. A. (2007). “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico Estudos em Psicologia* 1(1), 25-35. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224/3816>
- Silva, G.R. F., Macêdo, K. N. F., Rebouças, C. B. A., Souza, A. M. A. (2006). Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. *Online braz j nurs* 5(2), 246-257. Recuperado de <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5727>
- Silva, J., Albertini, L., & Neto, D. (2021). Situação da Violência Doméstica e Femicídio. *Pesquisa & Educação à Distância*, 0(20). Recuperado janeiro 21, 2023, de <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1&page=article&op=view&path%5B%5D=9103&path%5B%5D=4414>